

FLORA EM "SÃO MARCOS" DE GUIMARÃES ROSA

Flora in "São Marcos" of Guimarães Rosa

FRANÇA, Flávio¹; & SOUZA, Antônio Gabriel Evangelista de²

Resumo

Guimarães Rosa foi um dos principais escritores brasileiros do século XX. Apesar de ser considerado um escritor regionalista, ele expressa conflitos e questionamentos de ordem universal. No conto "São Marcos" um descrente em feitiçarias acaba por ficar cego pelas mandingas de João Mangalô. O artigo aqui proposto pretende um estudo das espécies vegetais citadas, tentando dessa forma contribuir para a compreensão do universo da literatura produzida por João Guimarães Rosa. Os nomes comuns foram identificados com base em dicionários e literatura especializada. O sistema de classificação adotado é o APGIII. Foram registradas 102 citações de plantas, correspondendo a 79 nomes comuns diferentes, sendo que 38 desses foram identificados ao nível de espécie. A proporção de espécies nativas (92%) é maior que a de espécies exóticas à flora brasileira. A família com maior número de citações identificadas ao nível de espécie foi Fabaceae, com 13 espécies (c. 16%), seguido da família Poaceae com seis espécies (c. 8% das citações). O gênero botânico com maior número de espécie foi *Erythrina* (Fabaceae), com quatro espécies (c. 5%). A espécie mais citada no conto foi o Bambu (*Bambusa* sp.). O conto "São Marcos" revela um grande conhecimento de Guimarães Rosa sobre a composição florística dos sertões. Ele contempla a flora atribuindo características humanas às espécies, dando à narrativa um elevado nível poético, sem contudo ser inverossímil. Ao se utilizar principalmente de espécies nativas Guimarães Rosa é coerente com o discurso nacionalista defendido pelos adeptos do modernismo.

Abstract

Guimarães Rosa was one of the main Brazilian writers of the twentieth century. Despite being considered a regionalist writer, he expresses an universal order of questions and conflicts. In the short story "São Marco" a disbeliever in witchcraft ends up blinded by João Mangalô incantations. The article proposed here wants a study of the plant species mentioned, trying in this way contribute to the understanding of the universe of literature produced by João Guimarães Rosa. The common names were identified based on dictionaries and specialist literature. The adopted classification system is APGIII. 102 plants citations were recorded, corresponding to 79 different common names, and 38 of these were identified to species level. The proportion of native species (92%) is higher than that of exotic species to the flora. The family with the highest number of citations identified to species level was Fabaceae with 13 species (c. 16%), followed by Poaceae family with six species (c. 8% of citations). The botanical genus with the highest number of species was *Erythrina* (Fabaceae), with four species (c. 5%). The most cited species in the story was the Bamboo (*Bambusa* sp.). The short story "São. Marco" reveals a great knowledge of Guimarães Rosa on the floristic composition of the Brazilian hinterland. It includes the flora attributing human characteristics to the species, giving the narrative a high poetic level without being implausible. By using mainly native Guimarães Rosa species is consistent with the nationalist discourse advocated by supporters of Brazilian modernism.

Palavras-Chave: *Etnopoética; Etnobotânica; Literatura brasileira.*

Key-words: *Ethnopoetic; Ethnobotany; Brazilian literature.*

Data de submissão: Março de 2016 | **Data de publicação:** Setembro de 2017.

¹ FLÁVIO FRANÇA - Biólogo. Doutor em Botânica. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, BRASIL. Departamento de Ciências Biológicas. E-mail: flaviofranca@hotmail.com.

² ANTÔNIO GABRIEL EVANGELISTA DE SOUZA- Graduado em Letras, Mestre em Literatura, Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, BRASIL. Departamento de Letras e Artes. E-mail: agesouza@ig.com.br.

INTRODUÇÃO

Guimarães Rosa foi um dos principais escritores brasileiros do século XX. Sua reduzida obra, um romance e livros de contos, tem sido considerada uma das mais originais já escritas na língua portuguesa. Por este motivo, a obra rosiana é alvo de muitos estudos críticos desde a publicação de seu primeiro livro: Sagarana (CASACIO, 2010).

Apesar de ser considerado um escritor regionalista, o regionalismo de Guimarães Rosa expressa conflitos e questionamentos de ordem universal. O rico conteúdo regionalista que o leitor encontra na obra do desse autor, não impede esse mesmo leitor que atingir *insights* valiosos de ordem psicológica e filosófica ao se debater com os transe das personagens rosianas:

“O leitor vindo de fora, por mais integrado, não pode estar suficientemente familiarizado com o rico cabedal linguístico e etnográfico do país para analisar o aspecto regionalista dessa obra, deve aproximar-se dela de um outro lado para penetrar-lhe a importância literária” (RÓNAI, 2001. p. 16).

Nesta primeira coletânea de contos está "São Marcos", uma história em que um descrente em feitiçarias, João/José, acaba por ficar cego pelas mandingas de João Mangalô. A cegueira temporária acontece no meio de um passeio que João/José fazia na mata, passeio este dedicado apenas à contemplação da natureza. Ao descobrir-se cego, o protagonista se vale da poderosa oração de São Marcos e acaba conseguindo chegar à casa de João Mangalô, que lhe devolve a visão diante da violência perpetrada por sua vítima. Ao fim, extasiado com sua visão recobrada, o protagonista retorna à sua contemplação das cores e da vida da natureza (ROSA, 2001).

O artigo aqui proposto pretende um estudo da visão que o autor faz da natureza, particularmente das espécies vegetais citadas no referido conto, tentando dessa forma contribuir para a compreensão do universo da literatura produzida por João Guimarães Rosa.

MÉTODO

As plantas citadas no conto "São Marcos" de Guimarães Rosa (ROSA, 2001), foram anotadas e registradas em planilha eletrônica.

O nomes comuns foram identificados com base no dicionário Aulete (2016), Wikipédia (2016) e outras referências como Durigan et al. (2004).

O sistema de classificação adotado é o APG conforme Stevens (2001)

RESULTADO E DISCUSSÃO

No conto "São Marcos", foram registradas 102 citações de plantas. Destas, tirando as repetições, foi possível separar 79 nomes comuns de plantas, sendo que 38 desses foram identificados ao nível de espécie (Tabela 1).

Ao contrário do que se observa na maioria dos autores a proporção de espécies nativas (92%) é muito maior que a de espécies exóticas à flora brasileira. Apenas para comparar, em toda obra poética de Gustavo Teixeira, autor contemporâneo a Guimarães Rosa, foi registrada uma proporção de apenas 12% de nativas (FRANÇA, 2014).

A família Botânica com maior número de citações identificadas ao nível de espécie foi Fabaceae, com 13 espécies (c. 16% do total de nomes), seguido da família Poaceae com seis espécies (c. 8% das citações). O gênero botânico com maior número de espécie foi *Erythrina* (Fabaceae), com quatro espécies (c. 5% do total de nomes).

A espécie mais citada no conto foi o Bambu (*Bambusa* sp.), cujos grossos colmos são utilizados para escrever poesias ou recados. O protagonista, pessoa culta e estrangeira na comunidade, experimenta interagir com o poeta desconhecido que escreve nos colmos, porém sua resposta erudita (uma lista de governantes antigos da suméria) é rejeitada grosseiramente pelo poeta: "Língua de turco rabatacho dos infernos" (ROSA, 2001, p. 275). Também aparece como marco miliário (quando o protagonista está cego, ele tenta identificar os sons provenientes do Bambual para se localizar). Provavelmente Trata-se da espécie *Bambusa vulgaris*, amplamente cultivada no Brasil, mas que cresce de forma subspontânea em várias regiões. Esta espécie apresenta colmos amarelos, às vezes com listras verdes, correspondendo à descrição do autor: "(...) grandes colmos jaldes, envernizados (...)" (ROSA, 2001, p. 273).

Outra planta muito citada foi o Buriti (*Mauritia vinifera*) espécie típica das veredas do sertão, principalmente associado ao bioma Cerrado, aparece para o autor como famílias passeando no campo: "Buritis-velhuscos, de palmas contorcionadas, buritis-senhoras, e, tocando ventarolas, buritis-meninos" (ROSA, 2001, p.278).

O conto é dividido em duas fases. Na primeira o protagonista tem a sua visão funcional e contempla a natureza, descrevendo-a de forma poética e emotiva. Na segunda fase o protagonista é acometido de uma cegueira repentina e a natureza passa a ser utilizada para guiá-lo na escuridão. Na fase da visão funcional c. 75% das citações de plantas são feitas, enquanto que na fase a cegueira c. 23% das mesmas.

Aroeira, Bambu, Capim, Imbaúba e Suinã são as plantas citadas tanto na fase da visão funcional, como na fase da cegueira. Nos ramos da aroeira o protagonista contempla o namoro dos pássaros, mas no momento em que está desesperado cego no mato a aroeira, com seu odor de manga, é identificada, ajudando na sua orientação. O bambu é o veículo para o protagonista conversar com o poeta misterioso, mas na fase da cegueira, ele usa os sons provenientes do bambual para se localizar. O capim na fase visual é um tapete verde a sua frente, na fase cega faz parte da oração de santa Luzia. As imbaúbas são jovens "depuradas e esguias" vítimas do cipó braçadeira, na cegueira ele imagina os pica-paus nelas. A suinã é um marco miliário no caminho do contemplativo protagonista, mas na cegueira é seu refúgio. Desta forma, as imagens utilizadas na descrição da natureza da fase visual, são reaproveitadas na fase da cegueira para que o leitor acompanhe o protagonista na sua desesperada tentativa de sair da mata.

A contemplação que o protagonista da história faz da natureza, leva o leitor a um passeio pela vegetação nativa entorno da localidade de Calango Frito (nome fictício). A descrição que o autor faz da vegetação frequentemente chega a uma precisão impressionante, como a do Epidendro:

“E, nas ramas, rindo, cheirosos epidendros, com longos labelos marchetados de cores, com pétalas desconformes, franzidas, todas inimigas, encrespadas, torturadas, que lembram bichos do mar, róseo-maculados, e roxos, e ambarinos - ou máscaras careteantes, esticando línguas de ametistas” (ROSA, 2001, p. 277).

Às vezes a precisão não é detalhista, fazendo com que o leitor procure um conhecimento externo ao texto para conceber a imagem sugerida. Isso ocorre nesta passagem: "E o mulungu rei derribava flores suas na relva como se atiram fichas ao feltro numa mesa de jogo" (ROSA, 2001, p. 283). O mulungu, uma espécie de *Erythrina* (Fabaceae), apresenta grandes flores vermelho-alanjadas, quando em plena floração, a árvore apresenta poucas folhas e as flores caem em torno da árvore dando a essa imagem de fichas na mesa do jogo. Apenas a partir do conhecimento não só da cor, mas do formato dessas flores o leitor consegue aproximar-se a visão que o autor quis dar a cena contemplativa.

Chama a atenção o uso que o autor faz da personificação, associando trejeitos comportamentos humanos às espécies vegetais

“Os termos usados como "jovens", "femininas", "cipó-braçadeira" (...) são todos do campo humano, mas são disseminados no texto referindo-se à vegetação, de modo a sugerir-nos que se trata de uma floresta fantástica” (RONCARI, 2004, p.132).

Contudo, esta floresta não é fantástica no sentido de ser povoada por entidades imaginárias. A maioria das plantas citadas são espécies reconhecíveis. O fantástico esta na comunhão do homem com a natureza, nesta comunhão o homem entende a linguagem da natureza e passa a dialogar com ela.

Esta comunhão íntima chega às vezes próxima ao erotismo. Pois a natureza está ali para pecar, um pecado livre das culpas cristãs:

“Tudo aqui manda pecar e peca: desde a cigana-do-mato e a mucuna, cipós libidinosos, (...) e a erótica catuaba, cujas folhas, por mais amarrotadas que sejam, sempre voltam, bruscas, a se reterar” (ROSA, 2001, pp. 279-280).

Tanto cigana-do-mato (*Fridericia speciosa*- Bignoniaceae), como mucuna (*Mucuna* sp.- Fabaceae) apresentam flores associáveis à vulva, particularmente *Mucuna*, com sua corola papilionada, morfologia essa muito associada ao órgão sexual feminino. A catuaba (*Anemopaegma* sp.) é muito utilizada como estimulante sexual masculino, mesma utilização tem a citada *Mucuna*. Guimarães Rosa se utiliza da organografia e do conhecimento medicinal tradicional para erotizar a natureza.

A escrita poética de Guimarães Rosa não se restringe apenas a personificação das plantas, ele também usa recursos como a aliteração para dar à leitura o ritmo da caminhada do protagonista, como em "(...) taboqueiras, tabuas, taquaris, taquaras, taquariúbas, taquaratingas e taquaraçus" (ROSA, 2001, p. 278). Nesta frase, quase um verso, o leitor consegue visualizar a profusão de herbáceas num lugar pantanoso. As taquaras, que são nomes atribuídos a diversas espécies de gramíneas, pertencentes a diversos gêneros diferentes entre si, são apresentadas em toda sua diversidade morfológica e de cores; apenas a tabua (*Thypha dominguensis*- Thyphaceae) e taquari (*Mabea angustifolia*-Euphorbiaceae) destoam dessa sequência de gramíneas.

Tabela 1: Lista de espécies vegetais citadas no conto "São Marcos" de Guimarães Rosa.

NC: número de citações, Orig.: Origem (Nativa/Exótica)

Nome Citado	NC	Orig.	Família	Espécie
Bambu	9	exótica	Poaceae	Indeterminada
Buriti	4	Nativa	Araliaceae	<i>Mauritia vinifera</i>
Imbaúba	3	Nativa	Urticaceae	Indeterminada
Suinã	3	Nativa	Fabaceae	<i>Erythrina corallodendron</i>
Aroeira	2	Nativa	Anacardiaceae	<i>Schinus terebintifolius</i>
Gravatá	2	Nativa	Bromeliaceae	Indeterminada
Angelim	2	Nativa	Fabaceae	Indeterminada
Cangalheiro	2	Nativa	Cunoniaceae	<i>Belangeria tomentosa</i>
Musgo	2	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Colher de Vaqueiro	2	Nativa	Vochysiaceae	<i>Salvertia convallareodora</i>
Cambará	2	Nativa	Verbenaceae	<i>Lantana camara</i>
Capim	2	Nativa	Poaceae	Indeterminada
Fumo	1	Nativa	Solanaceae	<i>Nicotiana tabacum</i>
Arnica	1	Nativa	Asteraceae	<i>Lychnophora ericoides</i>
Coco	1	exótica	Areacaceae	<i>Cocos nucifera</i>
Cambuí	1	Nativa	Myrtaceae	<i>Myrcia multiflora</i>
Camboatã	1	Nativa	Sapindaceae	<i>Cupania vernalis</i>
Campânulas	1	Nativa	Convolvulaceae	Indeterminada
Feijoeiro	1	exótica	Fabaceae	<i>Phaseolus vulgaris</i>
Laranja-da-China	1	exótica	Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i>
Timbó	1	Nativa	Sapindaceae	<i>Paullinia</i>
Erva-Cidreira	1	Nativa	Verbenaceae	<i>Lippia Alba</i>
Mata-pasto	1	Nativa	Fabaceae	Indeterminada
Maria-Preta	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Assa-Peixe	1	Nativa	Asteraceae	Indeterminada
Unha-de-Boi	1	Nativa	Fabaceae	Indeterminada
Joá-Bravo	1	Nativa	Solanaceae	<i>Solanum viarum</i>
Sumauveira	1	Nativa	Fabaceae	<i>Eritrina crista-gali</i>
Marmelinho	1	Nativa	Heliotropiaceae	<i>Tournefortia paniculata</i>
Canela	1	Nativa	Lauraceae	Indeterminada

Nome Citado	NC	Orig.	Família	Espécie
Jacarandá	1	Nativa	Bignoniaceae	Indeterminada
Jequitibá-Rosa	1	Nativa	Lecythidaceae	<i>Cariniana legalis</i>
Barriguda	1	Nativa	Malvaceae	Indeterminada
Mamica-de-porca	1	Nativa	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>
Sangue-de-Andrade	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Deixa-Falar	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Jacaré	1	Nativa	Fabaceae	Indeterminada
Epidendro	1	Nativa	Orchidaceae	Indeterminada
Cipó-Braçadeira	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Taboqueira	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Tabua	1	Nativa	Typhaceae	<i>Thypha dominguensis</i>
Taquari	1	Nativa	Euphorbiaceae	<i>Mabea angustifolia</i>
Taquara	1	Nativa	Poaceae	Indeterminada
Taquariúba	1	Nativa	Poaceae	<i>Arundo donax</i>
Taquaratinga	1	Nativa	Poaceae	Indeterminada
Taquaraçu	1	Nativa	Poaceae	Indeterminada
Guaxima	1	Nativa	Malvaceae	<i>Urena lobata</i>
Cajazeira	1	Nativa	Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i>
Avenca	1	Nativa	Pteridaceae	Indeterminada
Avenca-dourada	1	Nativa	Polypodiaceae	<i>Polypodium aureum</i>
Avencão-peludo	1	Nativa	Aspleniaceae	<i>Asplenium petrarchae</i>
Samambaia	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Jequitibá-Vermelho	1	Nativa	Lecythidaceae	<i>Cariniana rubra</i>
Cigana-do-mato	1	Nativa	Bignoniaceae	<i>Fridericia speciosa</i>
Mucuna	1	Nativa	Fabaceae	Indeterminada
Catuaba	1	Nativa	Bignoniaceae	Indeterminada
Cipó-quebrador	1	Nativa	Dilleniaceae	Indeterminada
Imbé-de-folha-rota	1	Nativa	Araceae	Indeterminada
Eritrina	1	Nativa	Fabaceae	Indeterminada
Árvore Anônima	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Corticeira	1	Nativa	Fabaceae	<i>Erythrina crista-gali</i>

Nome Citado	NC	Orig.	Família	Espécie
Tarumã	1	Nativa	Lamiaceae	Indeterminada
Mulungu	1	Nativa	Fabaceae	<i>Erythrina falcata</i>
Palmeira-leque	1	exótica	Areacaceae	<i>Licuala grandis</i>
Pau-bate-caixa	1	Nativa	Rubiaceae	<i>Palicourea rigida</i>
Cipó-vem-cá	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
tripa-de-porco	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Pau-morcego	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Angico	1	Nativa	Fabaceae	<i>Piptadenia paniculata</i>
Tamboril	1	Nativa	Fabaceae	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>
Cipó espinhento	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Cipó cortina	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Cipó cobra	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Cipó chicote	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
cipó braços humanos	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Cipó serpentina	1	Nativa	indeterminada	Indeterminada
Pau d'alho	1	Nativa	Phytolaccaceae	<i>Seguieria langsдорffii</i>
Manga	1	exótica	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>
Samambaiçu	1	Nativa	Cyatheaceae	<i>Dickisonia sellowiana</i>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto "São Marcos" revela um grande conhecimento de Guimarães Rosa sobre a biodiversidade, particularmente sobre a composição florística dos sertões mineiros. Ele contempla a flora atribuindo características humanas às espécies, dando à narrativa a um elevado nível poético, sem contudo ser inverossímil.

O escritor usa os elementos da flora nativa brasileira, recorrendo raríssimas vezes à flora exótica ao país. Isso é algo incomum entre os escritores brasileiros, onde impera o uso da flora exótica revelando displicência à flora nacional, apesar do discurso nacionalista defendido a partir dos modernistas. Ao voltar-se para a flora nacional para construir sua prosa, Guimarães Rosa mostra-se coerente com o esforço de voltar-se para coisas efetivamente brasileiras ao construir uma literatura.

REFERÊNCIAS

CASACIO, M. (2010). *A metafísica da escritura de João Guimarães Rosa*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo.

DURIGAN, G., BAITELLO, J., FRANCO, G., & SIQUEIRA, M.(2004). *Plantas do Cerrado Paulista*. São Paulo: Páginas e letras editora e Gráfica.

FRANÇA, F. (2014). Flora da obra poética de Gustavo Teixeira. *European Review of Artistic Studies*, 5(4), 50-62.

RÓNAI, P. (2001). A arte de Contar em Sagarana. In J. G. ROSA, *Sagarana* (pp. 15-21). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

RONCARI, L.(2004). *O Brasil de Rosa: mito e historia no universo rosiano: o amor e o poder*. São Paulo: Editora UNESP.

ROSA, J. G. (2001). *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

WEBGRAFIA

AULETE, C. (2016). *iDicionário*. Disponível em: <http://auleteuol.w20.com.br>.

STEVENS, P. F. (2001 onwards). Angiosperm Phylogeny Website Version 01, 2001. Version 12, July 2012 [and more or less continuously updated since]." will do. <http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb>.

WIKIPEDIA. (2016). <https://pt.wikipedia.org>.